

FEITIÇO DO TEMPO: EXPRESSÕES DO FETICHISMO DA TECNOLOGIA NO FENÔMENO DA ACELERAÇÃO SOCIAL¹

Gustavo Requião Correa de MONLEVAD²;

¹ GT 6 – Teoria e Epistemologia da Economia Política da Comunicação

² 2 Doutorando em Comunicação Social no Programa de Pós-Graduação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, gmonlevad@hotmail.com.

RESUMO

Este artigo faz parte de uma pesquisa maior sobre o fenômeno da aceleração social. Neste trabalho, pretendemos abordar a aceleração a partir da teoria crítica do valor (MARX, 2011; 2017), da filosofia da tecnologia (PINTO, 2005) e dos debates acerca do colonialismo digital (LIPPOLD; FAUSTINO, 2022). Para isso, o trabalho se desdobra em três pontos principais: a compreensão do que é o tempo social e apontamentos sobre sua manifestação contemporânea mais aguda, a aceleração social; uma articulação teórica com o conceito marxista de fetichismo da tecnologia – compreendido aqui como uma manifestação particular da categoria marxiana mais ampla, o fetichismo da mercadoria; e, por último, uma relação mais direta entre aceleração e fetiche, buscando caminhos analíticos para a relação entre esses dois aspectos centrais da vida cotidiana no capitalismo tardio digi-centrado.

A noção de tempo social se refere às mudanças na percepção coletiva de temporalidade (ROSA, 2022). Daí podemos derivar cinco conclusões preliminares: 1) percepção do tempo não é tempo em si; 2) quando falamos de percepção social do tempo, não estamos falando de percepções estético-narrativas sobre o tempo, de fruição singular; 3) tempo social se refere a uma tendência coletiva, não individual, de percepção do tempo; 4) o tempo não é percebido de maneira universalmente semelhante por todos os seres sociais, classes ou formações sociais; 5) tanto a nossa noção de tempo quanto nossa percepção de temporalidade são historicamente determinados.

O problema fundamental de uma porção significativa dos estudos acerca do tempo social é a relação causal entre o desenvolvimento das tecnologias digitais e a aceleração cotidiana. Esse tipo de percepção não é nova e pode ser encontrada, inclusive, em estudos sobre telégrafos, no século XIX. Compreendemos, segundo Marx (2017, p. 513) que o desenvolvimento tecnológico pode sim influenciar as relações de cotidiano, trabalho e percepção, mas apenas na medida em que se associa a outras forças econômicas e sociais. A compreensão da tecnologia como originária do fenômeno da aceleração é, fundamentalmente, ahistórica e esconde as relações sociais objetivadas nas tecnologias enquanto fruto de trabalho humano. Buscaremos, portanto, desenvolver a compreensão do fetiche da tecnologia como mecanismo de ocultação de trabalho humano (ROLIM MOTA; COSENTINO FILHO, 2024) e desvelar a relação entre aceleração e tecnologia, abordando formas de mediação tecnológica na aceleração de processos sociais a partir do desenvolvimento técnico, marcadamente nos processos de produção e circulação do capital (MARX, 2011, 2012; FERRARI, 2012).

Forma específica do fetiche da mercadoria, esse fenômeno não é exclusivo da contemporaneidade. Em sociedades onde as infraestruturas digitais “são, simultaneamente, meios de produção e meios de comunicação” (GROHMAN, 2019, p. 111), é preciso reconhecer as particularidades das novas formas de expropriação de valor, sem abrir mão dos instrumentos que permitem a análise crítica à totalidade capitalista. Assim, o fenômeno do fetiche tecnológico se diferencia e especifica, gerando consequências particulares na forma como gerimos nossas relações

sociais cotidianas (HELLER, 2016). Buscaremos portanto, compreender as formas pelas quais o fetiche da informação (BOLAÑO, 2018) mistifica a aceleração social para, então, encarar as expressões do fenômeno desvelado.

REFERÊNCIAS

BIBLIOGRÁFICAS

BOLAÑO, C. Do fetichismo da mercadoria ao fetichismo da informação: uma réplica. IN: **Revista Eletrônica Internacional da Economia Política da Informação, da Comunicação e da Cultura**. São Cristóvão, v. 20, n. 1, p. 125-130, 2018.

FAUSTINO, D.; LIPPOLD, W. **Colonialismo digital: por uma crítica hacker-fanoniana**. São Paulo: Boitempo, 2022.

FERRARI, T. **Fabricalização da cidade e ideologia da circulação**. São Paulo: Outras expressões, 2012.

GROHMANN, R. Plataformização do trabalho: entre dataficação, financeirização e racionalidade neoliberal. IN: **Revista Eletrônica Internacional da Economia Política da Informação, da Comunicação e da Cultura**. São Cristóvão, v. 22, n. 1, p. 106-122, 2020.

HELLER, A. **O cotidiano e a história**. São Paulo / Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2016.

MARX, Karl. **Grundrisse**. São Paulo: Boitempo, 2011.

MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política: livro I: o processo de produção do capital**. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2017.

PINTO, Álvaro Vieira. **O Conceito de Tecnologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.

ROLIM MOTA, Fydel Marcus; COSENTINO FILHO, Carlo Benito. Fetichismo tecnológico no capitalismo de plataforma: relações e contradições da tecnologia e da IA com o Direito do Trabalho. IN: **Revista Eletrônica Internacional da Economia Política da Informação, da Comunicação e da Cultura**. São Cristóvão, v. 26, n. 2, maio-agosto, 2024.

ROSA, Hartmut. **Aceleração e Alienação**. Petrópolis: Vozes, 2022.

SENNETT, Richard. **A Corrosão do Caráter**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

WAJCMAN, Judy. **Pressed for Time: the acceleration of life in digital capitalism**. Chicago: The University of Chicago Press, 2015.